

4  
55  
CITHARA IMPERIAL,  
LYRA POETICA,  
EM QUE SOLENNIZA A FAMA  
OS FESTIVOS APPLAUSOS,  
E SINGULARES JUBILOS

*Do felicissimo ingresso, & celebradissima entrada (em este mais que todos felis  
Reyno de Portugal) da soberana Magestade da Augustissima*

RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIANNA  
DE AUSTRIA

Em o dito anno de 1708.

DEDICADA

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

JOÃO DA SYLVA TELLO DE MENEZES,  
CONDE DE AVEYRAS,

Do Cõselho de Estado del Rey nosso Senhor, Regedor das Justiças deste Reyno, Sen-  
hor da Villa de Vagos, Alcayde mór da Cidade de Lagos, Commendador das  
Commendas de S. Salvador das Vargeas de Arouca, & de N. Senhora dos  
Martyres da Villa de Alcaçar do Sal, &c.

Autor JOÃO TAVARES MASCARENHAS,  
Cidadaõ em esta Corte, & Cidade de Lisboa,



L I S B O A.

Na Officina de MANOEL, & JOSEPH LOPES FERREYRA,

M. DCC. VIII.

*Com todas as licenças necessarias.*

*Conferido*

*P. 11, 22*







EXCELLENTISSIMO SENHOR.



*M* laminas de bronze, & columnas de marmore com a preclara penna de triunfos descreve a Fama da illustre progenie de V. Excellência os immortaes lauros, sendo para louvor tão arduo curtos os encomios, limitada a eloquencia, fragil o estylo, & tenue o encarecimento. Renasce (qual outra Fenix) em V. Excellencia as grandesas sem numero, sendo por sua liberalidade, & magnificencia de todas as maravilhas

unico compendio em as heroycas acções, que obra, porque em ellas a seus preclarissimos progenitores imita, herdando delles com o illustre do sangue, de que he dotado, as singularissimas prendas, em que se ve constituído como Principe tão excellente, pondo eclipses aos decantados meritos de hum Alexandre, de hum Annibal, & de hum Cesar, cujas obras, & excellencias parece que submergidas em hum silencio as tem posto o encarecimento, vendo que só dos Augustos prodigios de V. Excellencia fas o Mundo cabal memoria, (sendo geralmente para todos em acções heroycas entre os demais Principe singularissimo) pois não ha pessoa, que se não jacte de obrigada, mostrando-se aos continuos favores de V. Excellencia sempre agradecida. Sem duvida me parece que de V. Excellencia cantou o douto Seneca aquella celebrada, & applaudida sentença: Qui vult amari, languida regnet manu, pois patēteando a todos os thesouros de seus favores, aninguem o patrocinio denega, causa porque geralmente todos os affectos rouba. Esta he a segunda vez, em que o toscos de meu fragil engenho se expoem a sabir a luz, pois se celebrey a felis coroação de Sua Magestade, & Deos guarde, justo era que em huma occasião, que tão singular se offerencia, não ficasse em silencio o meu desejo, que ainda que o estylo he tenue, tenho por muy certo que o soberano entendimēto de V. Excellencia dar à clara luz a este composto. Das razões referidas commovido o meu desejo, (pois muyto tenho de me sacrificar em o serviço de V. Excellencia) determiney fazerlhe esta offerta, que se grande pelo soberano assumpto se acclama, fragil pela falta de eloquencia se intitula, pois somente de Homer o adiscreta penna pudera descrever tantas maravilhas com elegancia; mas chegando às preclaras mãos de V. Excellencia, acabar à todo olustre, & semcēsura do mar immenso de emulações poder à correr marbonança. Seja finalmente esta Cithara a que alcance a fortuna Vossa



Excellencia se digne de lhe pôr os olhos de sua benevolencia, pois sô entã levantarà a musica mais subida, do que aquella, com que là fingem os antigos, que Amfisaõ as pedras exhortava, quando o metrico tom suavemente erigia. De V. Excellencia perdaõ à minha confiansa; mas o que tenho de seu amante criado, me exhorta a motivo desta ousadia, pelo qual lhe patentea o meu affecto o grande desejo, que tenho de me sacrificar nas cousas de seu serviço. Deos guarde a Excellentissima pessoa de V. Excellencia felices, & dilatados annos, &c.

De V. Excellencia menor criado

João Tavares Mascarenhas.



Da-se noticia do ditoso successo de Portugal na felis entrada da Rainha N. Senhora, & do triumpho com que foy applaudida por Sua Magestade, & Altezas, como tambem das figuras, & fabulas custosas da Ponte, & dos solennes festejos, & luminarias, &c.

I N T R O D U C C A O .

**H**Oje q̄ Orfeu na lyra mais sonora  
 No Univerſo implora  
 Mellifluas, & ſuaves melodias  
 No tumulto mayor das alegrias;  
 E para eſte feſtejo  
 As Nynfas vay buscar do ameno Tejo,  
 Que em eſquadras luſidas  
 De aurifero metal ſahem veſtidas.  
 Para eſte applauſo ja convoca as aves,  
 Que com Coplas ſuaves  
 Em muſicos recreyos  
 Fazem mil conſoantes galanteyos  
 E em cantigas feſtivas  
 Almas, & coraçõẽs vaõ enleando,  
 E em muſicas frequentes, & attractivas  
 Da Aurora a vinda vem ſolennizando.  
 Sendo em taõ breve eſpaço  
 O metrico compaſſo  
 Na clave mais ſelecta,  
 Que attrahe coraçõẽs, vidas afecta.  
 E os ſentidos enlea  
 Amfiãõ, que na cithara recrea  
 Todas as inſenſiveis creaturas,  
 Pois nem as pedras deyxa eſtar ſeguras.  
 E Apollo ſoberano,  
 Tocando o plectro agora,  
 Applaudẽ cõ hũ metro altivo, & magno  
 O mais felis ingreſſo de huma Aurora.

As muſicas Sereas  
 Em feſtivas coreas  
 Cantam ſuavemente  
 As glorias deſte Reyno florecente.  
 He eſte o dia, em q̄ Neptuno eſmaltã  
 Para empreſa taõ alta  
 De eſmeraldas, & perolas mais finas  
 Os cryſtaes das correntes cryſtallinas.  
 E as ſuas claras lymfas rutilantes  
 A lus Imperial do firmamento,  
 Converte em diamantes,  
 Pois lhe infunde pompoſo luſimento.  
 Sendo em concordia tal, tudo feſtejo  
 Naquel'e altivo Tejo,  
 Se rio caudaloſo,  
 Hoje mar bonançoſo.  
 Pois vé que em tal ventura  
 Recebe neſta hora  
 A perola mais candida, & mais pura,  
 Que podia infundir'he a bella Aurora,  
 Diſtillando riſonha, & muy ſerena  
 Lagrymas neſſa concha mais amena,  
 Que à viſta deſta lus, & Aurora clara  
 Apollo naõ ſe atreve  
 Reluſir; pois conhece ſe elipſara  
 Seu mais flamante rayo em tanta neve,  
 Cauſandolhe deſmayos  
 Entre mil reſplandores



De Marianna a lus copia de rayos,  
A quem do Lu' o hum Sol offerta amores  
Na uniaõ mayor de duas almas,  
Que entre triú fos mil leuaõ mil palmas.

E tu ò Tejo, ò Rio venturoso,  
Que o Danubio, & Tanais mais famoso,  
Mais claro, altivo, & magno,  
Que o famoso Occano,  
Cuija clara corrente  
Envolve em si o ouro mais lusente.

Sendo hoje tuas agoas crystallinas  
Por teu felis estado  
Diamantes, & Amethyftas peregrinas,  
E de açucenas mil alegre prado.

Sendo por natureza  
Tua clara corrente  
Mais bella, & refulgente,  
Do que o metal q' o Mundo tanto préza.

De inveja hoje o Mondego  
Sente defaffocego,  
De hum impeto levado,  
A's nuvens se levanta arrebatado.

Sétindo juntaméte o proprio Douro  
Ultrages, & deídouro,  
E o ser de mar perdera,  
Que só humilde arroyo ser quizera;  
Pois em tanta humildade  
Naõ aspirára a tanta dignidade.

Mas por ser bem nacido,  
Sente, porque igualando-te em nobresa,  
Se veja hoje abatido,  
Indo subindo tu a tanta alteza.  
Tambem o Guadiana hoje lamenta  
A causa, que aos dous rios atormenta,  
Formádo pois hú Etna os peytos finos,  
Rompem em mil suspiros crystallinos,  
E cada hum com vozes muy sentidas,  
De invejosos impulsos cõmovidas,  
Te d's muy descontente.

*Ferroso Tejo meu, quão diferente  
Te vi, me vejo, E ves agora, E viste,  
Tu com prafer anim, eu a ti triste,*

Se funebre eu a ti, tu anim *contente*.  
Mudoute hoje a fortuna a grossa *enchete*  
N'huma gloria, & n'humbé, q' naõ *refiste*,  
Pois he hum Sol a causa, em que *confiste*  
Viveres tu alegre, eu *descontente*.

Pois teus gostos se vem *participantes*  
Dessa prenda, que logras, *confi-dera*  
Que hoje a forte nos fes de-*semelhantes*  
Em fórma, que naõ pode a *Primavera*  
Nem reduzirte triste como d-*antes*,  
Menos fazerme anim quem d'*antes era*.

Estas palavras taes cada hum dizia,  
Pois mostrava sentia  
Naõ lograr a fortuna sublimada,  
De todos applaudida, & desejada,  
E que em tanta excellencia  
Só o Tejo lograsse a preminencia.

Quando ja neste tempo o Tejo irado  
Com vozes de metal, eco dourado,  
Assim patenteando o seu direyto,  
Taes palavras rompeu do nobre peyto.

Como intentais audaces, & atrevidos,  
De meu valor preclaro  
Contender com os meritos lusidos.  
Sendo de todos vós espelho raro?

Pois em meus claros hombros  
A gloria Lusitana  
Logrou trofeos, & assombros  
Da empresa mais alta, & soberana,  
E a quem deve por gloria  
Este Reyno felis mayor vittoria,  
Taõ prospero successo  
Do mais felis ingresso,  
Da suprema conquista;  
Que em brôzes duros hoje a fama alista,  
Quando hú preclaro Affonso soberano  
Flagello foy do torpe Mauritano;  
Sendo de glorias tantas por motivo  
Do meu valor o seu retrato vivo.

Amim se deve dar esta excellencia,  
Quando hoje com prospero apparato,  
E com toda a decencia



A gloria mais felis receber trato,  
 Levando vencimento  
 A todo esse sidereo lufimento.  
 Porq̃ sobre meus braços crystallinos  
 Em laços de diamantes peregrinos;  
 Recebo a *Flor do Imperio*,  
 Que vem flores a dar neste Hemisferio;  
*Amor* o mais *perfeito*,  
 Que busca como *Angelica* mais grave  
 O *Cravo* mais suave,  
 Pois delle quer unirse ao nobre peyto.  
 Quando nesta uniaõ mais amorosa  
*Perpetua* se eternize a mesma *Rosa*,  
 Que com fragrancia amena  
 Logra tambem os timbres de *Açucena*.  
 A Primavera em fim por mais lisonja  
 De hum *Cravo*, & huma *Rosa*,  
 De hum *Jasmim*, & huma *Esponja*,  
*Amor perfeito*, *Angelica* fermosa,  
*Açucena*, & *Jacyntho* Lusitano,  
 Fas hoje hum ramallete soberano,  
 Que deste ramo brilhaõ mais as flores,  
 Do que do mesmo Febo os resplandores.  
 Não tãdes pois razãõ, *Mondego* avaro,  
 Nem vós *Douro* preclaro,  
 E por mulher, & ufana,  
 Suspendey o arrogante, ò *Guadiana*,  
 Pois vossos apparatus  
 Dizem, se *Rios* sois, fostes regatos,  
 Quando vossos apoyos  
 Mostraõ, se *mares* sois, fostes arroyos;  
 E deveis o arrogante da corrente  
 Ao Templo florecente,  
 E se hum *Janeyro* intenta  
 Com undosos rebates  
 Cumu laruos crystaes, com q̃ accrescenta  
 Vossos feros combates,  
 Vem hum *Julho* famoso,  
 Que com ardente traça  
 Vos prostra o furioso,  
 Logo abundancia tal a inopia passa.  
 Sabey q̃ anim deveis vós finalmente

Esse orgulho, esse mar, essa corrente  
 Com raes palavras pois o claro Tejo  
 Seu direyto procura,  
 Firmando o seu dese o  
 Em que ha de possuir esta ventura.

*Transivimus per ignem, & aquam:  
 & eduixisti nos in refrigerium. Pf. 65.  
 Ad loquitur Poeta navim.*

Mote.

*Nao, esses austros vencendo,  
 Os crystaes lisongeando,  
 Vem pois ao Luso voando,  
 Exhalação parecendo.*

Glosa.

1.

**B** Ella lisonja dos ares,  
 Emulaçãõ das estrellas,  
 Cu as plumas por mais bellas  
 Vencem Notos singulares,  
 Pois furcas felis os mares,  
 Ligeyra os crystaes rompendo,  
 Vem pois ao Luso correndo,  
 Voa felis sem demora,  
 E venha comtigo Aurora,  
*Nao, esses austros vencendo.*

2.

Esse lufente farol,  
 Que as estrellas lisongea,  
 Entre as agoas patentea  
 As luses do melhor Sol,  
 Que com lufido arrebol  
 Nesse estandarte ostentando  
 O pasmo mais venerando,  
 Naufragando entre diamantes;  
 Vem com mil lufes brilhantes  
*Os crystaes lisongeando.*

3.

Chega agora ao felis Tejo,  
 Que em seus braços crystallinos

En-



Entre mil affectos finos  
 Te indica amante cortejo,  
 Quando entre applauso, & festejo  
 Hoje as Nynfas convocando,  
 Te esta a legre esperando,  
 E tal bem nos assegura,  
 Não percas tanta ventura,  
*Vem pois ao Luso voando.*

4.

Ja que arrogante furcaste  
 De Neptuno todo imperio,  
 Aqui terás refrigerio,  
 Se antes só trabalho achaste;  
 Com felis maré chegaste,  
 Furias do mar não temendo,  
 Pois tao alta te citás vendo,  
 Sobee como estrella agora,  
 E ficarás nesta hora.  
*Exhalação parecendo.*

*Vulnerasti cor meum, vulnerasti cor  
 meum. Veni sponsa mea, veni de Li-  
 bano, veui: coronaberis.*

Cant. Cap. 4.

## SONETO.

Do Libano Imperial o amáte esposo  
 Com finesas de amor tão repetidas  
 Chama a esposa felis, & duas vidas  
 N'huma só quer unir muyto extremofo.

Annexo pois o amante ao magestoso,  
 Nas côstácias de amor mais bê nascidas,  
 Ficando as duas almas hoje unidas,  
 Ligaré-se os affectos he forçofo.

Mas quâdo o esposo os golpes expri-  
 Cõ feridas de frechas amorosas, (mêta  
 As amantes finesas accrescenta

Cõ dadivas de amor mais portêtofas.  
 Pois realçando-se fino logo intenta  
 Dar em paga as coroas Magestosas.

Duas vezes se ostenta amor ferido,  
 Quâdo os extremos obra mais realçado,  
 E sentindo-se a hum golpe magoadõ,  
 Entãõ diz se conhece mais rendido.

Grave excessõ de amor taõbê nacido!  
 Que hũ coraçãõ de frechas traspallado,  
 Se côfece de affectos obrigado,  
 Quando deve indicar-se mais sentido?

Oh q assim deve ser o amor perfeyto,  
 O q esquivanças paga cõ favores, (to,  
 Heroyca açãõ de hũ firme, & nobre pey-

Que coroas de altivos resplandores  
 Dar intenta, porèm não satisfeyto  
 Diz que promette dar thronos mayores.

*Uxor tua sicut vitis abundans, in la-  
 teribus domus tuæ. Psalm. 127.*

## SONETO.

Da excella progenie a flor mais rara  
 Do Luso no jardim taõ preminente;  
 Produzirã hum fructo refulgente,  
 Que usurparã a Febo a luz mais clara.

Oh segredo de amor, que te alcançara  
 Nos excessos amantes excellente,  
 Pois da *Rosa Imperial* luz imminente  
 Nos promette o Ceo dar prole preclara.

Imita em fim o amor a amante hera  
 Na uniaõ da fé mais extremosa,

Que em firmes laços prède aquê venera,  
 Da melhor flor do Luso, Augusta Rosa  
 Oh Portugal felis! glorias espera  
 Dadas da mãõ de Deos taõ portentosa.

*Et flos de radice ejus ascendet.*

Isaia Cap. 11.

Em dita taõ soberana  
 Ja poderá conseguir  
 Portugal como ditoso  
 Vencer do contrario a arrogante cervis.



E perpetuado em glorias  
 Logra os bens de mil a mil,  
 Pois venturoso o aclama  
 Do Austro sublime o lusente Zenith.  
 Transformado em primavera  
 Ja procura produzir  
 Entre os amores perfeytos (mins.  
 De hũ Cravo, & hũa Ro'ã preclaros Jaf-  
 Quando hoje nasce açucena,  
 Dando mate à flor de lis,  
 Se constitue perpetua  
 Em thronos de flores formádo hũ Abril.  
 Fazendo estragos de hum Mayo,  
 Rompe a Ro'ã o carmesim  
 De mil' espinhos triunfante  
 De nacar ornada hoje intenta fair.  
 E de Neptuno ultrajando  
 O mais arrogante ardid,  
 Iras de zefyro prostra,  
 Pois zefyros vence hum lufido Zafir.  
 Valerosa ao throno sobe.  
 Donde a pretende applaudir  
 Com extremos affectos  
 Do preclaro Luso o florido Pais.  
 E na uniaõ mais perfeyta,  
 Chega amante a possuir  
 Do mais excelso Monarca  
 Em thalamo alegre gloria muy felis.  
 E como flor mais heroyca  
 Taõ firme se quis unir  
 A' flor de seus proprios troncos, (assim.  
 Que hũ cõposto excellẽte quis mostrar  
 De Aguia deyxando o throno,  
 Affectuosa quis vir  
 Lograr em centro amoroso  
 A flor que naceu de seu proprio jardim.  
 Hoje ultrajando diademas,  
 Mais brilhante quis subir  
 A gozar thronos excelsos (dir.  
 Em hũ Reyno, q' amãte a intẽta applau-  
 Pois a Aguia mais excelsa,  
 E mais soberana quis

De seu throno de esmera'das  
 Dar a Portugal o mais bello rubim.  
 Recebe o Luso esta Perola,  
 E se aclama taõ felis,  
 Que suas ditas, & glorias  
 Em bronzes eternos intenta e'culpir.  
 Quando o mais altivo affecto  
 De hum grande Monarca diz  
 Que de todo o Mundo o Imperio  
 Para amante offertar lhe hoje quer adqui-  
 Oh açãõ em tudo heroyca (rir.  
 De hum peyto taõ varonil,  
 Que satisfas com diademas!  
 A quem com extremos o intenta servir,  
 Logra pois ó felis Luso?  
 De Flora excelso matis,  
 A prenda mais soberana,  
 Que para seu folio a buscarte quis vir,

*Desereve se a magnificencia de huma  
 grandiosa ponte, que estava fabri-  
 cada sobre o Tejo, & das figuras, &  
 fabulas, que nos porticos della esta-  
 vaõ, assim no interior, como no ex-  
 terior.*

OYTAVAS.

I.

Para narrar trofeos taõ soberanos  
 De ditas, & de glorias taõ triunfantes,  
 Naõ são capazes naõ, genios humanos,  
 Nem de hũa pẽna os rãgos são bastãtes;  
 Porém como os affectos Lusitanos  
 Indicios sempre daõ de muyto amantes,  
 Saya a campo o valor, pois a fortuna  
 Sempre foy para ousados opportuna.

2.

Porẽm quem numerar hoje pretende,  
 Augustas maravilhas portentosas  
 Que a fama e' clarim de ouro ao polo ex-  
 Empresas quer vêcer difficultosas, (tẽde.

B Hum



Hum impulso amoroso aqui contende  
Entre as acções sublimes magestosas  
Applaudir dous Monarcas, duas flores,  
De quem recebe o Sol os resplandores.

3.

Mas se hū circulo, hū mappa, ou póto  
He volume, em que intenta o erudito  
Cosmografo narrar, como descreve  
De todo o vasto Mūdo o graõ districto,  
Assim meu fragil genio hoje se atreve  
A querer limitar hum infinito,  
Com palavras louvar as soberanas  
Nunca ja vistas glorias Lusitanas.

4.

*Agora tu Calliope me ensina*

Com tua subtil frauta tão sonora  
A cantar esta empresa altiva, & digna,  
Esta dita, este bem, que vejo agora.  
Pare do Tejo pois a crystalina  
Corrente, que assim pulsa voadora,  
Pois só a fonte de Aganipe bella  
He justo que hoje corra porestrella.

5.

*Cessem do sabio Grego, & do Trajano*

As preclaras empresas affamadas,  
Não cante o Orbe de Alexandre Magno  
As heroycas acções mais sublimadas;  
Cessem do altivo Cesar soberano  
As façanhas do Mundo exaggeradas;  
Cesse tudo o que a Musa antiga canta  
*Que outro lenvor mais alio se levanta.*

6.

Mas antes que o discurso se remonte  
A discorrer nas cousas excellentes,  
De hum prodigio direy (este era a Póte)  
As figuras, & adornos preminentes  
Jardim de flores he, de glorias monte  
Hum theatro de luzes refulgentes.  
E por ter de riquezas tanta copia  
Póde dar mate a America, & a Ethiopia.

7.

Quem ja vio outra igual no Mūdo todo  
Subir da terra o ouro a tanta altura,

Jazer como abatido hontem no lodo,  
E hoje servir de regia architectura  
Glorias terrestres faõ, que deste modo  
A nobresa das cousas mais se apura,  
E aos astros mais alta se remonta  
Quando os Reis della fazem tanta cõta.

8.

Esta pois blasfonando em tanta alteza  
Por se ver nell'es austros levantada,  
Fidalga ja quer ser por natureza,  
Pois que chegou no Paço a ter entrada;  
Constituida pois nesta nobresa  
Por se ver cos palacios igualada,  
Como o Sol nella faz seu horizonte,  
Bem he que ás mesmas nuvens se remõte.

9.

Assento fas nessa agoa crystalina,  
Nesse puro crystal, nesse diamante  
Senhora se conhece de India, & Mina;  
Pois de perolas he copia brilhante;  
Thefouro de riqueza peregrina  
He seu vistoso campo rutilante,  
Sendo do Mundo o ytava maravilha,  
Pois q' as luzes do Sol mais clara brilha.

10.

Essa Deosa do Imperio mais celeste,  
Essa famosa Juno soberana,  
Que de flores, & ouro hoje se veste  
Para applaudir a gloria Lusitana,  
Assento vem buscar no Orbe terrestre,  
E com huma alegria sobre humana  
Com coroa de flores diz que espera  
Laurear huma Flor da Primavera.

11.

Ja entre obsequios mil, nobres cortejos  
Hoje intenta a pulcherrima Lucina  
Socia das Deosas ser em taes festejos  
Dedicados a Flor mais peregrina,  
E excedendo o extremo a seus desejos  
Cõ decencia a taõ grande Alteza digna  
A' Diana mais bella litongea,  
Pois impulsos de amor lhe patentea.

Tam-



12. **Tambem a Deosa Pallas preminente**  
 Com grinalda de flores coroada  
 Valerosa se ostenta, se sciente,  
 Pois discreta se mostra, se alentada,  
 Indicando na mão sabia, & prudente  
 O valor, que lhe infunde a regia espada,  
 E no livro que tras ao Orbe enfina  
 Que hoje outra Pallas té mais peregrina.

13. **Thetis essa do mar Deosa preclara,**  
 Que em bonanças o porto lhe assegura,  
 Essa do grao Neptuno esposa rara,  
 Que effim se vé lograr tanta ventura,  
 Por delicia nenhuma hoje trocará  
 Esta riqueza tal, que tem segura,  
 Antes por não fugirlhe de seus braços  
 Ponte lhe fas de crystallinos laços.

14. **Por sua conta em fim tomar intenta**  
 Trafella a Portugal com mar bonança,  
 E por mayor seguro lhe appresenta  
 Todo bem lá no Cabo da esperansa;  
 De Boreas os impulsos lhe affugenta  
 Para vir em tranquilla segurança,  
 E recebendoa em seu crystal mais alvo  
 Hoje com dita atrouxe a *Porto salvo*.

15. **A pulcha Venus Deosa dos amores**  
 De estrellas rutilantes coroada  
 A flor do Imperio hoje offerta flores,  
 E the fabrica folio de esmeralda;  
 Perpetuos lhe eterniza os resplandores,  
 Com q de hum Sol vem ser idolatrada,  
 E entre fincas mil, & affectos puros  
 Lhe perpetua os logros mais seguros.

16. **Marte Deos das batalhas sanguinosas**  
 As furias quebra, prostra o arrogante,  
 Ostentando em acções taõ generosas  
 Que a toda a ira exingue hú acto amante;  
 Empresas lhe promete prodigiosas,

E jura que ha de ser o mais constante  
 Vassallo, que ha de ter leal, & amigo  
 Contra os impetos feros do inimigo.

17. **Esse casto Hymeneo, Deos dos amores**  
 A quem por timbre infunde a lus Febea  
 Entre varios jasmims, & varias flores  
 Huma candida tocha que alumea,  
 Lhe assegura entre tantos resplandores  
 Que este logro, que amor lhe parétea,  
 Ha de brotar de si fruttos preclaros  
 Prodigios como os paes em tudo raros.

18. **Esse rapás Cupido que alentado**  
 Com as azas os ares affugenta,  
 Hoje em throno se vé taõ levantado,  
 Que como a mãe estrella ser intenta;  
 Settas lança do arco arrebatado,  
 Que ferem a creatura mais ifenta  
 E taõ subtil despede a frecha agora,  
 Que até chegou ferir a mesma Aurora.

19. **Porém q muyto he finta a ferida**  
 Quem com valor à setta se offerece;  
 Quem para o mesmo golpe se convida  
 De varonil a gloria bem merece.  
 Prostre-se pois a frecha ja rendida  
 A'quella, aquem amor no peyto cresce,  
 E se aclametriunfante em tanta gloria  
 Quem das settas de amor levou vittoria.

20. **Sobre hum throno de louro coroadas**  
 A Paz, & as mais virtudes se divisão  
 Em lugares decentes collocadas  
 O soberano portico matizaõ  
 Fortalesa, & Prudencia sublimadas  
 As crystallinas lymfas allí pisaõ,  
 E com ellas Justiça, & Temperança  
 Tambem fazem total perseverança.

21. **A Vittoria porém que altiva intenta,**  
 De lauros coroar se por mais digna

Entre



Entre palmas triunfante se apresenta,  
Publicando esta acção tão peregrina,  
Sobre montes de glorias acrescenta  
No Tejo da corrente crySTALLINA  
Tudo triumpho, & paz, tudo alegria,  
Fazendo eterna a fama deste dia.

22.

Concordia por virtude sublimada  
Unindo os corações de dous amantes,  
De supremos triumphos laureada  
Mostra nestas acções tão relevantes  
A mais firme uniaõ da esposa amada  
Com o esposo Real, & ambos constantes  
Os corações se vem de amor unidos  
No triumpho mayor constituidos.

23.

No cume deffia altissima imminencia  
Quasi com as estrellas igualada  
Com mil venerações culto, & decencia  
Está a nobre Lisboa collocada  
Offercando com summa reverencia  
A Thetis Alemã mais realçada  
De Neptuno o poder, da terra o Imperio,  
Donde achará descanso, & refrigerio.

24.

A Fama com clarim, eco sonoro  
Em hum nicho do portico famoso,  
Com respeyto devido a tal decoro,  
A acto tão supremo, & magestoso,  
A voz erige ao fidereo coro,  
Noriciano bem tão portentoso,  
E tão suavemente o clarim toca,  
Que todo Orbe alli logo convoca.

25.

De Portugal os rios celebrados  
A ecos tão suaves commovidos  
Se corrião atégora arrebatados,  
Como suspentos já ficão rendidos,  
Os crysta linos impetes prostrados,  
Da corrente os orgulhos suspendidos  
Querem chegar a ver gloria tamanha,  
Pois tanta suspensão os acompanha.

26.

O Douro, o Guadiana, & o Mondego  
Correntes se dispõem para a partida,  
E caminhaõ com tal desalocego  
A acompanhar o Tejo que os convida,  
Que cada hum parece que vem cego  
Com tal pressa, tal ansia, & com tal lida,  
Mas para descansar deste tormento  
De crystaes lhes formou o Tejo assento.

27.

Chegado em fim cõ tal fortuna á Corte  
A ver o brando Tejo, que os espera,  
A ponte vão buscar como seu Norte,  
Donde cada hum delles considera  
Que solio ha de lograr por felis sorte  
Naquella mais amena primavera,  
E em tão alto lugar, tanta excellencia  
Cada qual desejava preferencia.

28.

Eis a Fama, que os via accelerados  
Com duvida tão ardua compungidos  
Huns assentos lhes tinha aparelhados  
Nos lados de seu throno muy lufidos,  
De alegria tão summa já levados  
Vendose em altos solios condusidos,  
Em thronos crySTALLINOS se assentavaõ  
Para lograr a dita que esperavão.

29.

Brilhava em fim no portico preclaro,  
Que serve de docel a tanta gloria,  
O nobre Portugal espelho raro,  
Imagem singular desta memoria  
Solennizando alli o objecto caro,  
Por quem segura tem grande vittoria,  
E tanto no excellête então se apura,  
Que exceder todos mais apto procura.

30.

Vendo-se remontado a taes riquezas,  
Athalamo felis chamar intenta  
Para amante conforcio nas empresas  
A'ganha; q' as glorias lhe accresceta,  
Já lhe indica constãte entre as grandefas

Que



Que ha de lograr as ditas, que lhe ostêta,  
E que hũ throno de lus, globo dourado  
Por descanzo lhe tinha aparelhado.

31.

A tão doces finelas commovida  
Alemanha de affectos obrigada  
A felis Hymeneo logo o convida,  
E a dextera lhe offerece sublimada;  
Aos extremos do Luso já rendida  
No mais fino se ostenta realçada,  
O coração lhe entrega muy confãte,  
Unindo-se em hum nexo mais amante.

32.

Nos esponſaes excelsos applaudidos  
Destes Imperios dous (mas hũ jágora)  
Se vem de luzes mil trofeos lufidos,  
Entre os quaes refulgente sahe Aurora,  
E estando neste amor constituidos,  
Patrocínio de Febo o Luso implora,  
Alemanha a Neptuno hoje exaggera  
Que dé passo seguro à Flor que espera.

33.

E tu ò ponte, ò templo de Minerva,  
Mappa tão singular de glorias tantas,  
Donde a sorte do Luso se conserva  
Nesses claros prodigios, com q̃ espantas,  
Essa pompa festiva assim reserva,  
Suspende esses assombros, cõ q̃ encãtas,  
Pois neste fausto altivo, & sem segundo  
Por unica te acclamas só no Mundo.

34.

Esta era a ponte, este era o modelo,  
Que para a copiar he nada a penna,  
Sendo a ponte das Musas o desvelo,  
No candido mostrou ser açucena,  
De luzes parecia hum molde bello,  
Se de fra grancias era copia amena,  
E por se ver de ponto levantado,  
Hum Sol mostrava ser no abreviado.

35.

Aqui se vião pois por modo exprello  
Nessa ao Ceo levantada architectura

As sette Maravilhas do Univerſo,  
Unica, & singular manufactura;  
Esse altivo *Colosso* tão diverso,  
Que em rodas voar soube a tãta altura,  
Esse supremo templo de Diana,  
Segunda maravilha soberana.

36.

Se nas cinzas soberbo não espirára,  
Sem duvida cair podia agora,  
Que á vista desta ponte se abrazára,  
Seu perigo fatal de inveja fora  
Faros essa que pisa por mais rara  
Os resplandores desta altiva Aurora  
Sinta já a seu pesar abatimento,  
Pois da ponte he mayor o lusimento!

37.

Se o *Mausoleo* no Orbe encarecido  
A tão alto subir voar quizera,  
Qual Icaro audás, fero, atrevido  
Em urna crySTALLINA perecera;  
Nos campos de Neptuno submergido  
Tanta audacia arrogante hoje o fizera,  
E em tumulto de neve abreviára  
O incendiado ardor, que ao Sol tomára!

38.

As celebres *Pyramides* se occultem,  
Que de esquecidas ficão desprefadas,  
Na urna de Morfeu já se sepultem,  
Que *Pyramides* ha mais levantadas;  
As presentes memorias mais avultem  
Para mayor triumpho maquinadas,  
Pois de theatro servem soberano  
Ao Monarca das luzes Lusitano.

39.

Esse *Olympico Jupiter* famoso  
Hoje póde abater sua grandesa  
A' fera *Semiramis* he forçoso  
Não louvar dos *Pencilles* a nobresa,  
Que em florido theatro majestoso  
A maravilha oytava fas firmesa,  
E tu ò Febo se luzente brillhas,  
M ais resplandece a flor das maravilhas.

Des-



*Descreve-se a felicissima entrada em este Reyno da Rainha N. Senhora, e da pompa com que neste preclaro dia estava flãmante o celebrado Tejo.*

Dia felis, que Orfeu  
Na Cithara sonora  
Da mais prelara Aurora  
Solénizava em glorias o Hymeneu,  
Neste pois dia claro,  
E nos annaes da fama dia eterno  
Submergidas as sombras lá no averno  
Febo resplandecia muy preclaro,  
Pois da mais bella Aurora  
A luz, com que brilhou, recebe agora,  
Ornando-se de luzes soberanas  
Para applaudir as glorias Lusitanas:  
Porem não diga o Metro que era dia  
Porque ignorancia fora  
Que faindo entre luzes pulchra Aurora,  
Claro se deyx a ver que amanhecia;  
E em crySTALLINA salva,  
Com que Apollo a festeja,  
Claros indicios dá porque se veja  
Que he esta luz por bella Estrella d'alva.  
Mas occultese agora  
Da Alva a luz peregrina,  
Porque mais refulgente sahe Aurora  
Nessa de agoas corrente crySTALLINA.  
Perolas distillando  
Quão as lymfas do Tejo enriquecendo  
Assombro ás luzes dando,  
Porque as luzes flãmãte vem vencendo.  
Se os dias preminentes,  
Em que Deos soberano  
As maquinas formou taõ excellentes  
E esse Globo celeste sobre humano,  
Creando juntamente  
Para assombro da terra  
Essa luz refulgente,  
Em quem de todo Orbe o bem se encerra  
Dando-lhe ja por socias sintinellas

Lua inconstante, se fixas estrellas,  
Se estes dias preclaros  
A fama os annuncia,  
Das glorias deste dia  
Nos promete o Ceo dar triunfos raros,  
Concedendo-nos Deos em tanta ditta  
De sua maõ benditta  
Huma Flor soberana,  
Huma Aguia sublimada,  
A excellente luz de Mariana  
Dos extremos do Luso venerada  
Do Monarca das luzes muy querida,  
De amorosos affectos assistida.  
Nesse porem congresso de diamantes,  
Digo la nesse Tejo peregrino,  
Adonde taõ pompofas por brilhantes  
Se acampão no seu folio crySTALLINO,  
Cidades sublimadas  
De flores, & matizes adornadas,  
Ostentando nobellico estandarte  
Seguirem leis de Venus, não de Marte,  
Donde cada qual sabe  
As correntes romper arrebatadas  
Meyo corpo Delfim, & meyo Ave,  
E as azas sublimadas  
A zefyros, & notos entregando,  
Patenteando o bem que nos vem dando.  
Porém ja se divisa  
Entre tanta grandesa  
De todas a Princefa,  
Que os candidos crystaes alli matiza  
Quando muytos ayrosos  
Galhardetes vistosos  
Erão tremulas flores  
Entre matizes mil, mil resplandores  
Combatidas do vento,  
Pois parece que em tal contentamento  
A vista de huma flor que lisongeam  
Em tremulas coreas se recream.  
Nesta pois sublimada  
Aureo soberana,  
Qual rosa nacarada,



Se dividava a flor de Marianna  
 Dando a crytaes inveja,  
 A diamantes combate  
 As soberanas Nynfas dando mate,  
 Para que assim se veja  
 Quê se o Tejo se jacta  
 De ser copia de prata,  
 Hoje se descobrio nelle hú Thesouro  
 Da Perola melhor mais fino ouro.

Nesta Nao, ou de flores primavera  
 A Britannica gente valerosa  
 Com liberal dispendio se exaggera  
 A mais affectuosa,  
 Pois pretendem amantes, & cortezes  
 Conquistar os affectos Portuguezes,  
 E por nossa mór gloria,  
 Bonança, & refrigerio  
 Nos trasem a Portugal a Flor do Imperio  
 Que eterna nos fará sua memoria.

Neste ditoso dia,  
 Em q' a gloria melhor no Luso entrava,  
 O desejo da Corte ja voava,  
 Porem suspenso o Tejo não corria,  
 E dizem que parado então se vira  
 Por ver a maravilha que o admira.

Mas se por caso alli se embarçasse  
 Em confusão tão grande de thesouros,  
 Muy justo era então que não passasse,  
 Porq' em riqueza tal só se fas de ouros.

Porque se signifie  
 O quanto em não passar ficou constante,  
 Sayba-se não passou porter diante  
 De Chalupas hum Dique.

Elle porem depondo o ondeado  
 Pareceu neste lote,  
 Quando não chamalote,  
 Sitim muyto estimado:  
 Mas porem não sabia  
 Em confusão tão grande de alegria  
 Se vestisse de azul, se de cor douro,  
 Pois em lauros levava todo louro;  
 Mas em fim ja se veste

De huma cor soberana azu' celeste,  
 E com traje dos outros muy distinto  
 Tessendo de mil flores a capella  
 Busca o excelito João no nome Quinto,  
 Recebe a Marianna flor mais bella,  
 E neste acto de amor tão presumido  
 Se conhece dos Reis mayor valido;  
 Mares para ser rico não corria,  
 Pois o braço real o enriquecia,  
 E por tão felis sorte  
 Se via alli buscado  
 De toda a Fidalguia desta Corte,  
 Que o parabem lhe dá do novo estado;  
 E em tal fortuna certo  
 De arminhos, & de flores  
 Como grande, este dia está cuberto,  
 Mas manifestos sempre os resplandores,  
 Quão se vio no Múdo outra igual, quã-  
 Tanta felicidade (do  
 Anoytecer o Tejo hontem remando,  
 E amanhecer com tanta Magestade?

*Entra o soberano Monarca em hū  
 Bargatim todo de ouro, acompanha-  
 do de suas Altezas vay á Capitania,  
 buscar a serenissima Rainha. Descre-  
 ve se a magnificencia do Bargantim  
 com quarenta remadores vestidos de  
 panno de escarlata agaloados de ouro,  
 & forrado todo o Bargantim com os  
 paramentos de brocado, & na proa  
 sinco trombetas, & hum atambal ves-  
 tidos da guarda de S. Magestade, aga-  
 loados de prata.*

Entra no Bargantim, ou throno ufano  
 O Cesar Lusitano,  
 O Alexandre preclaro,  
 Dos corações do Luso espelho claro,  
 Na Europa venerado,



Na Africa temido,  
 Na Asia respeitado,  
 Na America servido,  
*E se mais Mundo houver a la chegara*  
 Do famoso Joao fama preclara,  
 Qual Apollo luso  
 Das soberanas luzes assistido,  
 E em galas tao brilhantes,  
 Taõ augustas grandefas  
 Lustravaõ entre o ouro os diamantes  
 Das excellas Altefas;  
 Em tal fórma porem, que o mesmo ouro  
 Padece hoje deidouro,  
 Pois as galas custofas,  
 De que vive adornado,  
 Lhe usurpaõ as quatro pedras preciosas,  
 Ficando o seu valor aniquilado,  
 E a netma Primavera  
 Hoje padece inopia,  
 Porque discretamente concidera  
 Ser este original, quando ella copia.  
 Digo este Bargantim, jardim florido  
 De flores assistido,  
 A donde entre os jasmims tao peregrinos  
 Com amena fragrancia  
 Nos campos de Neptuno crystallinos  
 Fas o cravo melhor excelsa estancia,  
 Porque entre resplandores  
 Ao mesmo Sol ec ipsaõ as quatro flores.  
 Mas quando o cravo Rey ja se embar-  
 Reservava no peyto (cava  
 Para mayor firmesa amor perseyto,  
 E de jasmim o candido ostentava,  
 E entãõ patenteava  
 Que pela soberanagentilefa  
 Narciso ser podia,  
 Se nella de crystaes clara grandefa  
 Olhando-se severa a Magestade,  
 Naõ se vira prudente a galhardia,  
 Que em tal everidade  
 Sempre observou respeitoyto  
 O bisarro ao altiyo

Da sacra Magestade de hum sujeyto  
 Nas prendas soberanas excessivo,  
 Pois a severidade  
 Annexa sempre andou a Magestade.  
 Com o mais decente traje,  
 Com que do amor alli entãõ triunfava,  
 Mostrava na plumaje  
 O desejo mayor, que hoje o levava,  
 Se com pennas voava  
 Para hum monte de glorias,  
 Avivava nas pennas as memorias  
 Das glorias, que esperava  
 De ver em felis forte  
 A Estrella melhor, lus de seu Norte,  
 E nas grandefas summas  
 Dedalo parecia em quanto as plumas:  
 Mas ainda assim se atreve  
 Querer chegar ao Sol em tempo breve,  
 Em cujos resplandores  
 Do Sol recebera entre os candores  
 De hum logro apperecido  
 O rayo mais lufido,  
 A lus mais soberana,  
 Por escufar Metaforas agora,  
 Diga-se que esta lus era Marianna,  
 Essa luzente Aurora,  
 Essa preclara Estrella, (la.  
 Que hoje os timbres possui de mais bel-  
 No garbo com que abala  
 Este Monarca invicto.  
 Hum Febo mostrou ser em quãto á gala;  
 Perem se aqui repito  
 Com a penna os louvores sublimados,  
 Os rasgos desta ves ficaõ parados  
 Da purpura (se diga) que vestia  
 Indicar hum thesouro peregrino,  
 Onde se encarecia  
 Todo o molde mais fino:  
 Porém quando intentava  
 Mostrar-se disfarçado,  
 Entãõ patenteava  
 Resplandores de Apollo mais realçado,



E alli lhe era foroso  
 Como melhor diamante  
 Patentear em glorias o brilhante,  
 Em luzes descobrir o magestoso.  
 F.ntra pois o Alexandre Lusitano  
 No Globo soberano,  
 Na crystallina esfera,  
 Throno flammante então da Primavera,  
 Naquelle Bargantim copia de flores,  
 Cifra de soberanos resplandores,  
 Que penetrando as agoas peregrinas  
 Em crystaes cumuladas,  
 Com a proa rompendo as esmeraldas,  
 Com os remos cortou perolas finas.  
 Na poppa monte de ouro refulgente  
 Se ostentavaõ esculpidas  
 Do metal excellente  
 Preminencias lufidas,  
 Sendo em copia tão rica  
 Tão lufido thesouro  
 Midas quem pobre fica,  
 Pois este Bargantim lhe usurpa o ouro.  
 Sobre a proa excellente  
 Quasi com huma bellica harmonia  
 Sinco tubas de prata  
 Apurando-se a vista descobria,  
 Cujosom preminente  
 Parece que em affectos já retrata  
 O soberano gosto, que applaudia,  
 Quando neste desejo tão jucundo  
 Se intenta divulgar por todo Mundo.  
 Galas sublimes vestem os estrondosos  
 Trombetas sonorosos  
 De tal modo gentis, q̄ a vista perde  
 A lus entre o esplendor, q̄ se desata  
 Das galas, cujo campo quasi verde  
 Combatendo estão mares de prata,  
 E tanto se esparcia  
 O mar, que suas agoas alargava,  
 Que parece que o campo se inundava  
 No diluvio de prata, que corria.  
 Em solfa bellicosa

O harmonico ruido  
 Em obsequio setorna appetecido  
 O que atelli mostrou voz estrondosa,  
 Que este effeyto fazia  
 O Sol, que á Lusitania a lus trasia,  
 Levava o Bargantim throno bisarro,  
 E de Febo então lufido carro,  
 Digo carro luzente,  
 Porque guiando o Sol lá do Nascente  
 Quarenta Faethões, em que mostrava  
 O mesmo Sol apressa que o levava,  
 E com amante lida,  
 Com excessõ fogoso  
 Presado seu affecto de extremo  
 Da Aurora hia applaudir ho, e a sabida,  
 E como Venus bella  
 Era quem lhe infundia tanta estrella,  
 O Sol a taes favores commovido,  
 Exercendo os dictames de hum Cupido  
 Entre as flores altivas busca a Flora,  
 Quando entte luzes já descobre Aurora,  
 E em tumulto de prata  
 Dos Faethões brilhava a escarlata;  
 Dizer quero o thesouro,  
 Pois o encarnado avivava o ouro,  
 Em cuja cor se encerra  
 Com astucia sagás  
 Cõverterse hoje em pás a mefua guerra,  
 E a guerra reduzirse á propria pás.  
 Como assim não seria,  
 Se no extremo mayor de dous extremos  
 Na mayor união dit osos vemos  
 Tão suprema alegria.  
 Esta esfera movivel,  
 E grinalda suprema,  
 Com que o dourado Tejo se coroa,  
 Ao ob,ecto visivel  
 Leva quarenta remos, com que voa,  
 Duas vezes vinte azas, com q̄ rema,  
 Movendo as hastes graves  
 Os Faethões, que aprendem para aves,  
 E tão serenamente



O Bargantim rompia  
 Esta já de crystaes pura corrente,  
 Que entendo que voava, & não corria,  
 Pois com ardis ligeyros  
 Os quarenta remeyros  
 Indo com ouro tanto carregados,  
 Ja correm diligentes,  
 Como os vejo voar muyto contentes,  
 Não poderey dizer que são fortados.

Reparo pois que vejo  
 Abarcando hoje o Tejo tal thesouro,  
 Que se a fama lhe dá nome de Tejo,  
 Appellidar se quer sómente Douro,  
 Mostrando diligente  
 Nesse nome mudado  
 Ser sempre cortesaõ, sempre corrente,  
 E nas funcções mayores sempre achado:  
 Mas como assim não fora,  
 Se como grande então alli se trata,  
 Pois se vé nesta hora  
 Em liquidos crystaes rondar em prata;  
 E porque não teria  
 Em si tanta grandesa,  
 Se o dourado Delfim throno flammate  
 Rico o constituhia  
 Nesta de tanto amor clara finca,  
 Tradufindo o crystal á luz brilhante  
 Este altivo Castello,  
 De cujo molde bello  
 Laminas de crystal o campo ornavão,  
 Onde as luzes então se equivocavão,  
 E o lustre assim perdião,  
 Porq' do Luso as luzes mais brilhavão  
 De forte, que os crystaes nada lufião.  
 Mas diga-se porèm que sem desmayos  
 Lustravão os espelhos refulgentes,  
 Pois o Sol de João lhe infunde rayos  
 Como a estrellas lufentes.  
 Não pareça o louvor aqui suspeyto,  
 Que as estrellas o Sol causa este effeyto.  
 Mostrava esse thesouro  
 Em tanta galhardia

Neste que todos mais felice dia  
 Em crystallinos Ceos mil nuvês de ouro,  
 Cuijo brocado em partes diuidido  
 Se as vidraças cubria pelo centro,  
 He porque tanta lus, que vem de dentro,  
 Alegre os olhos, não turbe o sentido:  
 Que quem no Sol fixar á vista intenta,  
 Cega os olhos na lus, que lhe accrescenta.  
 Mas por causar cobiça  
 O regio Bargantim ao nobre Tejo  
 Com liberal desejo  
 O ouro pelo chaõ alli esperdiça;  
 E porque vença em tudo  
 Sua Augusta grandesa  
 Nesta mayor empresa  
 Prostrado a seus pés mostra o veludo,  
 Cuija carmesim cor tanto se etmera  
 Com graça affectuosa,  
 Que parecia desfolhada Rosa  
 Nesse campo melhor da Primavera;  
 Se bem que aqui dicera  
 Não correr mais ligeyro,  
 Com que este Bargantim mares espanta,  
 Que o Tejo considera  
 Formando hũ bom discurso verdadeyro  
 Ser este Bargantim esta Atalanta,  
 Esta que em ligeyresa  
 Ventos desafiava  
 Quando os mares vencia,  
 Pois com ardua prestesa  
 Se ninguem no correr a igualava,  
 A todos no voar ella excedia:  
 Mas por fragil já cahe, pois a alcança  
 Na carreyra fogosa  
 Hippomenes na fruyta que lhe lança,  
 Ou maçã enganosa,  
 Na qual tanto se enleva  
 A fatal corredora,  
 Que se vio nesta hora  
 Nos enleyos do engano errante Heva:  
 Mas deste Bargantim nunca se entende  
 Canir, pois o defende



Em tão alto portento  
 O Sol, que nelle fas seu regio assento;  
 Antes Venus mais bella  
 Por não querer que agora corra á vela,  
 Cuydando que o fugeyta,  
 Huns damascos lhe deyta;  
 Mas vencendo este engano  
 Este centro de luzes soberano  
 Continua o ayroso movimento,  
 E com tal galhardia,  
 Que parece que o vento  
 Lisonja lhe offertou naquelle dia,  
 Quando no centro de agoas prateadas  
 Com as hastes luzidas  
 Castiga as esmeraldas,  
 Que aliquidos crystaes se expoê unidas,  
 Mostrando-lhe Favonio  
 Entre Neptuno o passo mais idoneo.

*Entra o Augustissimo Rey com suas  
 Altezas em a Capitania, aõnde estava  
 a serenissima Rainha, & com sobera-  
 nas venerações se falaõ as Reaes pes-  
 soas.*

Nesta Augusta Cidade  
 Throno sublime entãõ da Primavera,  
 Solio da Magestade,  
 A quem o Luso amante mais venera  
 Republica de flores,  
 Palestrarelevante,  
 Donde com fé constante  
 Entre extremos se affectaõ mil amores,  
 Donde em fim se avistaraõ as soberanas  
 Augustas, Magestades Lusitanas,  
 Sem que nesta visãõ tão excellente,  
 Neste tão puro affecto  
 Causasse a admiração rãõ de repente  
 Intervallo ás ações do mais discreto,  
 Pois que em suas firmesas  
 Para amantes conquistas

As almas nos extremos ja previstas  
 Se tinhaõ ensayado nas finesas,  
 E nas copias amantes  
 De seus originaes tão soberanos  
 Discutiraõ nõ verde de seus annos  
 Na esperãça os affectos mais constantes,  
 Paraque nos objectos magestosos  
 Cada hum muy triunfante  
 Deyxando obrar o amante  
 Occultasse os effeytos poderolos.  
 Falaram-se os cuydados  
 Quando os dous corações reciprocados  
 Alternativamente  
 Publica cada hum o bem que sente  
 Que em rhetorica muda  
 A amantes corações amor ajuda,  
 Sendo nestas estreas  
 As melhores figuras as ideas.

Era esta Nao preclara  
 Maravilha mais rara,  
 Augusta Monarquia,  
 Theatro portentoso de alegria,  
 Donde achou o desejo  
 A palestra melhor de tal cortejo,  
 Na qual as soberanas Magestades  
 Assim quando finesas pronuncian,  
 Ambos em os extremos se excediam,  
 E com claras verdades  
 Nas constancias amantes se imitavam,  
 Donde igualmente estavam  
 Para as suavidades  
 Em finesas de ponto levantadas  
 Dos corações as cordas temperadas,  
 Os quaes firmes affectos  
 Entãõ se conheciãõ  
 Que de ext remos nasciãõ, (tos.  
 Ou de impulsos de amantes mais discre-  
 Assim pois se encontrãõ nesta hora,  
 Neste ditoto instante  
 Entre estrellas do Luso o Sol brilhante,  
 E do Imperio tambem a clara Aurora,  
 No qual lance precelfo,



E de amor mais forroso  
 Dava lugar o excello  
 A que obrasse o amoroso,  
 Saindo desta empresa  
 Com triunfos, & palmas  
 De hum amante finesa  
 Com triunfantes lauros duas almas  
 N'hum laço tão unidas,  
 Que huma só vida são, não duas vidas,  
 Pois o sãto Hymeneo por mais perfeyto  
 Em as causas de amor obra este effeyto.

Quando os cinco Planetas  
 Presentes se avistáraõ,  
 Alegres se saudáraõ  
 Nas frases mais discretas,  
 Articulando harmonicos conceyτος,  
 Entre os ecos suaves  
 Rompendos regios peyτος  
 Obsequios admiraveis,  
 Pois por subido estylo no eloquente  
 Discreto cada hum, fala o que sente:  
 Mas neste acto parece  
 Cada qual emmudece,  
 E ao silencio entregues os sentidos  
 Se ostentaõ admirados,  
 E os cortejos polidos  
 Julgaõ por acabados: (res

Que he proprio nas acções tão superio-  
 Romper em admiração, callar louvores.  
 Digo os cinco Planetas, Deotes digo  
 Da Lusitana Esfera,  
 Donde occulto extremofo ho;e venera  
 As luzes, que estes Soes traferem comfigo.  
 Venera affectuosa  
 A Lusitania altiva  
 A Venus Marianna mais fermosa  
 Nas graças excessiva,  
 Cujas virtudes, & prodigios canta  
 A fama na voz aurea, que levanta;  
 Extremofo venera  
 O Luso, que constante se exaggera  
 Ao Monarca das luzes, ao luzeyro

Esse Quinto no nome,  
 Se bem nas maravilhas o primeyro,  
 Tambem no resplendor Febo preclaro,  
 Nos prodigios q' obra assombro raro,  
 Pois com acção discreta  
 Sabe manifestarse no excellente  
 De luzes hum planeta,  
 Eclipsando esse Apollo refulgente,  
 Por cuja causa vemos  
 Que entre niveos desmayos  
 Em tão arduos extremos  
 Hoje do mesmo Sol se occultão os rayos:  
 Mas como assim não fora,  
 Se de João o Sol da luz agora

Outro planeta excello  
 Venera muyto amante  
 Do Luso a fé constante,  
 Hum Francisco direy claro, & precello,  
 Hum soberano Marte,  
 Como tambem Adonis respectivo,  
 Cuj valor altivo  
 Singular gentileza  
 Unindo-se á grandesa  
 Hoje a fama publica em toda a parte,  
 Dizendo é clarim d'ouro a todo o Múdo  
 Que he Principe perfeyto se segúdo.

Das duas prendas bellas  
 Dous preclaros Infantes  
 Digo que são diamantes,  
 Mas apurando a vista vejo *Estrellas*,  
 Pois brillão sem desmayos:  
 Porque o Sol de João lhe infunde rayos,  
 E lhe augmenta o luzir naquella hora  
 Da bella Marianna a pulcra Aurora,  
 E recebendo tantos esplendores  
 As luzes excellentes,  
 Bem se vé que serão mais refulgentes,  
 Que de Febo os candores.

Na melhor liga unidos  
 Os excellos Planetas desta esfera  
 Vem constituidos  
 Cada hum na fortuna, que exaggera,



Affectando reaes urbanidades  
 As duas Magestades,  
 Pois reciprocamente  
 Nas regias cortesias  
 Cada hum fas parente  
 O alvoroço grande de alegrias;  
 E como os corações por confrontados  
 Anticipadamente estavam unidos,  
 Extremosos se tratão os cuydados,  
 Como se d'antes fossem conhecidos,  
 E cuydo parecião  
 No augusto socego, com que abalão,  
 Ausentes que se vião,  
 E não agora estranhos que se fação;  
 E assim neste cortejo,  
 Que excessivos tiverão,  
 As finesas que então alli dislerão,  
 Impressas tinhão já no seu desejo,  
 Pois esta novidade,  
 Sobresalto, ou mudança  
 Perturbação não foy da Magestade,  
 Alvoroço seria da esperança.

*Desembarcão nas escadas da ponte as soberanas Magestades, & Altezas, & acompanhadas de toda a Fidalguia vão Suas Magestades à Cappella Real, aonde assistida de fermosas Damas esperava a serenissima Infãte a Senhora D. Francisca a Augustissima Rainha, & chegam se a falar com affectuosos extremos.*

Conduzidas as Lusãs Magestades  
 Daquella pompa bella

Entre as solennidades,  
 Com que o Luso festeja a sua Estrella,  
 Hum, & outro luseyro  
 De luses soberanas assistidos  
 Com jubilos alegres, & applaudidos  
 Do q' ao throno, ao Téplo vão primeyro!  
 Donde bella esperava  
 A Alva pela Aurora,  
 Amalthea por Flora,  
 Ou Diana por Daphne soberana,  
 E aonde então a lus manifestava  
 Candidos esplendores  
 De Nyntas assistida esta Diana,  
 E a Daphne o claro Febo acompanhava  
 Em lufidos candores;  
 Venus era a Augustissima pessoa,  
 A quem já rendem por altiva, & bella  
 Se elRey as magestades na coroa,  
 A Infante os affectos na Cappella  
 Donde em tanta alegria  
 O triunfo mayor amanhecia  
 Em multidão lufida,  
 Pois hoje a propria Aurora  
 Dos esplendores da Alva está assistida,  
 E das luzes de Febo goza agora,  
 E nestas pompas bellas,  
 Que hoje a vista divisa,  
 Verás resplandecer com lus precisa  
 O Sol, a Alva, Aurora entre as estrellas;  
 Mas logo considera  
 Neste preclaro estado  
 Que de Flora estás vendo o nobre prado  
 Em o campo melhor da Primavera,  
 Vencendo este jardim com suas flores  
 Do Sol es excellêtes resplandores.



# SONETO.

**L**lustre vejo o CRAVOREY preclaro,  
**O**nde avisto huma ROSA soberana,  
**¶** quella FLOR mais bella MARIANNA,  
**Z**obre espelho do Sol, & affombro raro.  
**Z**este jardim florido, se reparo,  
**E**ncontro huma ACUCENA Lusitana  
**S**er a flor de FRANCISCA excelsa, & magna  
**Q**uem póde duvidar, quando está claro.  
**¶** Vejo neste jardim da PRIMAVERA  
**I**NFANTES, JASMINs digo, no excellente,  
**Z**a qual candida pompa Abril se esmera;  
**H**ambem vejo com gala muy lusente  
**¶**ARIAS FLORES, em cuja gala espera  
**S**er hum Mayo este Outubro florecente.

Neste dia supremo de alegria  
Morfeu entre seus passos apressados  
A thalamo felis ja conduzia  
Os Regios desposados,  
Impunha fim ás glorias deste dia;  
Porem não digo bem, pois suas glorias  
Eternas deyxaraõ suas memorias.

Porem Febo apressado  
As luzes occultando,  
Os Antipodas logo visitava,  
Mas na noyte deyxava  
O seu vivo traslado,

Comq̃ o proprio Mũdo está affombrado.  
Mas quando a noyte em sõbra desatada  
Deve ser tenebrosa,  
Não vio o Luso noyte mais lustrosa,  
Que esta noyte galharda.

Tocava a tuba, o brõze retumbava,  
E no secos do vento repetido  
A os ouvidos se pantenteava  
Bem tão appetecido.

Nos metaes excellentes  
Dos Templos sacrosantos  
Se formão novos cantos,  
Novos sons, novas coplas preminentes.

Recolhidos os Soes, fechado o dia,  
Porem não veyo a noyte, pois se via  
Outra manhã preclara  
Na lus das luminarias bella, & clara:

As tres maquinhas bellas  
Cheas estão de luzes, & de estrellas,  
E tanto lustre, davão,  
Que todas tres alli se equivocavão:  
Porque no mar se via,



No Ceo se divisava  
 O lustre, que na terra florescia,  
 E então se duvidava  
 Nesta amorosa guerra  
 Se era a terra Ceo, ou se omar terra,  
 Por lissonja excellente  
 Esse bello Zafir, claro, & lusente  
 Pos luminarias bellas,  
 Pois todo firmamêto encheu de estrellas,  
 & a terra de invejosa  
 Com luzes superiores  
 As' estrellas roubava os resplandores  
 Nesta noyte famosa;  
 Luzido adorno de primor radiante,  
 Tremula gala de eleyção lusente,  
 Real applaudo de praser brilhante

Se ostenta refulgente,  
 E com muy subtil arte  
 Se expõem por toda a parte  
 Alegres resplandores,  
 Que ao mesmo Febo usurpão seus cando,<sup>(res)</sup>  
 Pois que se vião resplandecer bellas  
 Luminarias no Ceo, na terra estrellas;  
 E como assim não fora,  
 Se estes thronos de luzes, que fabricão,  
 Amantes se dedicão  
 A' lus superior da bella Aurora,  
 Da Agua soberana  
 A' mais perfeyta flor de Marianna,  
 Que annos felices viva,  
 Causando a Portugal fortuna altiva.

## FINIS.

*Sujeyto à emenda, & correcção da Santa Madre Igreja Romana, de quem  
 sou amantissimo, & obediëntissimo filho.*

João Tavares Mascarenhas.





Real aplazamiento de prater diligencias  
Tremula gata de egypto inlucens  
Izido abono de prater castanes  
Nesta nove fancha;  
As estrellas rombay os respandores  
Com lozes superiores  
E a terra de invicida  
Pois colombrameros inchen de estrellas  
Los lambranes bellas  
Elle pelo xar claro de inlucens  
Por honra exaltante  
Se era a terra Ceo, ou se contr terra  
No Ceo de divinas  
O Justo que na terra floridas  
E certo se dividava  
Nesta amorosa guerra  
Se expõem por toda a parte  
E com muy fancha are  
Se offeça religente

FINIS.

João Tavares Malacarenhas.  
Zujito é emenda, e correção da Santa Madre Igreja Romana, de quem  
foi amantissimo, e obedientissimo filho.

